

OS CAMINHOS DA CRISE

por Márcio Braz¹

Nas últimas semanas os economistas brasileiros têm dedicado boa parte de seu tempo para analisar as possibilidades da crise norte americana atingir o país. As opiniões, em geral se dividem em dois grupos: alguns entendem que as economias emergentes, aí incluída a brasileira, estão “descoladas” das economias dos países mais ricos, portanto seriam impactadas de forma mínima pela crise; enquanto que outros acreditam que ainda é cedo para previsões otimistas, já que o grau de impacto dependeria de desdobramentos ainda não perfeitamente previsíveis e o mais sensato portanto seria a adoção de medidas preventivas.

A opinião dos primeiros é fundamentada em alguns resultados positivos obtidos pela economia nos últimos meses, que teriam consolidado mecanismos de proteção contra crises externas. Já os que acreditam na possibilidade de impacto maior apontam vulnerabilidades capazes de provocar estragos relevantes na economia nacional se a crise não for debelada de imediato.

O que pretendemos neste artigo é analisar estes os fortes e as ameaças, que dividem opiniões, de forma a evidenciar as características mais gerais que deveriam nortear as alterações no modelo econômico brasileiro diante do problema.

1. Os pontos fortes da economia nacional

A conjuntura econômica internacional nos últimos anos favoreceu de forma significativa a economia nacional. Em particular possibilitou a diversificação dos destinos de nossas exportações e a obtenção de um saldo positivo na Balança Comercial, que resistiu à alta do dólar que ocorreu nos últimos meses deste ano de 2008 (R\$ 1,5911 em 31 de junho para R\$ 2,181 em 09 de outubro¹).

Em US\$ milhão	
Ano	Saldo da BC
2.000	-697
2.001	2.642
2.002	13.093
2.003	24.801
2.004	33.696
2.005	44.764
2.006	46.457
2.007	40.039

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

O saldo positivo da Balança Comercial contribuiu para que nos tornássemos menos dependente da entrada de capital especulativo e para combater o **déficit** em Transações Correntes.

Como se pode ver na tabela 1, saltamos de um déficit US\$ 697 milhões em 2.000 para um superávit de US\$ 40.039 milhões em 2.007. Um significativo aumento de mais de 150% em pouco tempo.

Os dados referentes ao destino de nossas exportações estão representados na tabela 2 abaixo, abaixo:

Ano	EUA	Tigres Asiáticos	Ásia	China	África
2.000	26.089	4.545	14.927	2.307	4.254
2.001	27.114	4.670	15.880	3.231	5.320
2.002	25.665	4.641	16.794	4.075	5.039
2.003	26.298	5.335	20.608	6.681	6.153
2.004	31.456	7.077	26.857	9.152	10.431
2.005	35.206	9.309	35.436	12.190	12.638
2.006	39.182	11.406	43.705	16.393	15.567
2.007	43.787	13.062	55.802	23.367	19.911
Indicador de Crescimento	1,68	2,87	3,74	10,13	4,68

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior²

Os dados anteriores mostram que, embora permaneçam importando um valor bastante significativo do total de nossas exportações, os EUA vêm perdendo importância para os países emergentes, em particular para a China, que multiplicou por mais de 10 as compras do Brasil, e para a Ásia, que já nos compra mais que os Estados Unidos.

Menos dependência, portanto, do epicentro da crise.

Outro ponto que nos favorece é a situação atual da relação Dívida Externa Total/Reservas Internacionais. Em março de 2008, para uma dívida externa total de 201 bilhões de dólares tínhamos um reserva de 195 bilhões³. O indicador Reservas/Serviço da dívida, neste mesmo mês era de 1,8, evidenciando a situação de liquidez de nossa economia. Essa situação de liquidez é importante para a gestão do Balanço de Pagamentos, pois dá tranquilidade aos credores externos quanto ao cumprimento de nossas obrigações e facilita negociações.

Talvez, dos pontos fortes aqui citados, o mais importante seja o dinamismo recente do mercado interno. O IBGE⁴ informa que o índice de crescimento das vendas no varejo no país era de 133,30 (2003=100) em agosto de 2007 e saltou para 142,20 em julho de 2008. O jornal Estado de São Paulo em matéria de 12/03/2008 (Investimento e Consumo das Famílias Puxaram a Economia em 2007) citando o IBGE informa que o consumo das famílias cresceu 6,5% em 2007, bem acima do PIB.

Além de menos dependentes do epicentro da crise, também estamos, portanto, menos dependentes do setor externo da economia, o que sem dúvida alguma é muito bom para o enfrentamento de crises na economia internacional.

O que precisamos investigar é se esses pontos fortes são suficientes para proteger a economia brasileira da crise ou se ainda temos alguma vulnerabilidade que implique em tratamento preventivo para evitar a contaminação – o que veremos a seguir.

2. As ameaças ao equilíbrio brasileiro

O saldo positivo da balança comercial tem contribuído decisivamente para a boa situação de nossas contas externas, mas tem se deteriorado já

que desde 2005 as importações estão crescendo a um ritmo mais veloz conforme mostra a tabela abaixo:

Saldo Anual da BC		
Em US\$ milhão		
Ano	Exportações	Importações
2005	118.529	73.600
2006	137.807	91.351
2007	160.649	120.621
Índice de Crescimento	1,36	1,64

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior⁵.

Os valores que resultam deste processo podem ser vistos na tabela abaixo, que mostra o saldo mensal da balança comercial:

Em US\$ milhão		
Meses	Anos	
	2007	2008
Jan	2.517	938
Fev	2.898	874
Mar	3.320	1.003
Abr	4.178	1.742
Mai	3.859	4.073
Jun	3.820	2.719
Jul	3.344	3.304
Ago	3.535	2.269
Set	3.471	2.762

Fonte: Banco Central do Brasil

O resultado desta deterioração é que entre janeiro e agosto de 2008 o superávit da Balança Comercial não cobria mais o déficit da Balança de Serviços, provocando um déficit em Transações Correntes de US\$ 21.2 milhões⁶. Se a tendência continuar, a entrada de capitais ganhará importância para o equilíbrio do Balanço de Pagamentos.

Nossos principais parceiros comerciais têm suas economias bastante vinculadas à economia norte americana e podem sofrer com a crise, sendo forçados a reduzir suas importações, o que contribuiria para o desequilíbrio de nossas contas externas.

Neste aspecto é importante considerar também (ainda de acordo com o MDIC) que os "Produtos Básicos" representaram 37,1% do total das exportações brasileiras no período de janeiro a setembro de 2008. Como estes produtos são bastante sensíveis às condições de mercado, o mais provável é que tenham seus preços deteriorados em situação de crise, o que seria um outro fator de complicação para o equilíbrio do Balanço de Pagamentos do país.

A situação pode ser mais grave ainda se os investidores precisarem retirar seus capitais do país para cobrir prejuízos fora dele. Um ataque especulativo para forçar a alta da taxa de juros produziria o mesmo efeito. Neste caso o quadro seria de aumento da taxa de câmbio e de volta da inflação

Concretizando-se esse cenário, o país precisaria de entrada de capitais externos em volume considerável para equilibrar suas contas. Em que condições conseguiríamos isso em crise da economia internacional? E como combateríamos o previsível aumento de preços internos?

3. Linhas gerais de intervenção

Como vimos acima, os fatores que determinam se a crise chega aqui, quando chega e em que intensidade não são variáveis de controle endógeno à economia brasileira, nem à atuação de seus dirigentes. Conhecemos apenas os caminhos por onde ela pode vir e sabemos que existe uma possibilidade concreta de que venha, mas não sabemos quando e nem com que força vem.

Esperar passivamente sua chegada é sem dúvida alguma a pior das alternativas!

De imediato poderíamos imaginar uma forma de conter a saída de capitais externos, mas essa forma só poderia ser encontrada no campo da normatização, o que provocaria problemas imediatos no relacionamento com investidores e governos externos, além de dificuldades em negociações futuras.

A lógica que caracteriza a atuação dos responsáveis pela condução de nossa economia permite crer que a intervenção seria no sentido de aumentar os juros para que a economia brasileira continue sendo atrativa para os capitais externos e

conter os investimentos públicos e a demanda interna para controlar o aumento de preços. Mesmo que à custa do já precário crescimento econômico do país.

Fora destes paradigmas a saída seria promover alterações no nosso modelo econômico, tornando a dinâmica de nossa economia cada vez mais dependente de fatores internos, que estão sob controle nacional.

Este dinamismo interno seria conseguido através de medidas que promovessem a aceleração da recuperação do salário mínimo, a derrubada da taxa de juros, a redução do superávit primário e o estímulo à poupança interna. Também teríamos que pensar em como estimular a produção interna para conter o avanço das importações.

Enfim, acreditamos que só podemos ter garantia de que não vamos ser atingidos se forem adotadas medidas voltadas para o crescimento e que isso só vai acontecer se rompermos com alguns princípios que norteiam as políticas econômicas atuais.

Referências:

- 1 <http://mdic.gov.br>. Acesso em 09/10/2008.
- 2 <http://www.mdic.gov.br>. Acesso em 09/10/2008.
- 3 Banco Central do Brasil. Disponível em www.bcb.gov.br. Acesso em 09/10/2008.
- 4 www.ibge.gov.br. Acesso em 09/10/2008.
- 5 <http://www.mdic.gov.br>. Acesso em 09/10/2008.
- 6 Banco Central do Brasil. Disponível em www.bcb.gov.br. Acesso em 09/10/2008.

¹ Economista, mestrando em Ciência Política/UFPI.